

AMORIM, ANAXIMANDRO. *MARIPOSA NOTURNA EM VERANICO DE MAIO*. VITÓRIA: PEDREGULHO, 2024.



(Foto de Matheus Andreatta)

Anaximandro Amorim*

* Escritor, doutorando e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), membro da Academia Espírito-santense de Letras (AEL), da Academia de Letras de Vila Velha (ALVV) e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), titular da Câmara de Literatura do Conselho Estadual de Cultura (2025-2027). Autor de *Brasil de ontem, hoje e sempre* (poemas, 1994); *Asas de cera* (infantojuvenil, 1995); *Concupiscência* (romance, 2003); *A história de um sobrevivente* (memórias, 2010); *O livro dos poemas* (poesia, 2013); *A máquina do tempo e outras histórias* (contos e crônicas, 2014); *A vida depois da luz* (memórias, 2015); *O breviário do silêncio* (poemas, 2018); *A obscuridade* (romance, 2018); *A euforia do corpo* (poemas, 2022).

“**M**ariposa noturna em veranico de maio” foi uma frase que me saltou aos olhos!

Pedro J. Nunes, além de exímio escritor, é um amigo e confrade. Da sua lavra saíram pérolas como *Aninhanhae Menino*, mas foi lendo o seu recolhimento de contos *A última noite* (2015) que me deparei, na página 121, com um texto que tinha, exatamente, este título. A história de Albertina, jovem vinda do interior do Espírito Santo e que, uma vez estabelecida na casa de sua tia Eva, coloca todos os homens a seus pés, incluindo seu tio Guilherme, marido de Eva, não tinha como me deixar incólume. O conto, pelos meus olhos, ganhava outra perspectiva: e se a trama fosse escrita a partir do desejo pelo Tio Guilherme?

Mariposa noturna em veranico de maio, o livro, nasceu daí e de vários outros textos, alguns já publicados, outros, não, tendo, sempre, o mesmo eixo narrativo: o das histórias “secretas”, de “alcova”. Um livro sobre aquilo, segundo disse a também amiga e confreira Bernadette Lyra, em conversa para convidados, no dia do lançamento, que “a maioria quer empurrar para debaixo do tapete”: LGBTfobia; gordofobia; ageísmo; racismo; machismo, enfim, tudo aquilo que, infelizmente, campeia os noticiários de nossa sociedade contemporânea, com suas mazelas, com suas violências.

A opção pelo gênero “conto” se deu por dois motivos: primeiro, por um exercício de prosa. Tenho obras em vários gêneros literários (romance, memórias e crônicas), sendo, porém, mais conhecido pela poesia. Há quem diga que “poetas prosadores” se mostram nas primeiras linhas. A ideia, portanto, era mostrar uma outra faceta deste autor, com um mergulho profundo no texto prosaico. O segundo motivo (tão coadunado com o primeiro), foi o aventurar-me no texto curto. Um delicioso desafio, uma vez que o “conto” necessita de um remate em talhe preciso, sob pena de pôr o texto a perder.

O livro apresenta treze textos. Há contos de uma página, como há contos de quase uma vintena. A ideia, aqui, foi primar pela experimentação. Os contos “O vazio de Dante”, “O voo de Líbero” e “A gorda” trazem elementos fantásticos:

Dante não era nem bonito, nem feio, nem alto, nem baixo, nem magro, nem gordo. Na verdade, Dante não era nada. Tinha tudo para ser um cara comum, sem muitos atributos, que passaria incógnito em uma multidão. Sua história poderia ser uma história banal. Exceto por um detalhe: Dante havia nascido sem rosto (AMORIM, 2024, p. 11).

Sobre o conto “A gorda”, coleteo:

Algo, porém, estava acontecendo: Vanessa se sentiu inflar. A cada passo, a cada rodopio, ela e todos começaram a perceber que seu corpo aumentava, aumentava, aumentava... Todos pediram, então, para que ela parasse de dançar. Vanessa, no entanto, fingiu que não ouvia e, mesmo quando a música parou de tocar, ela continuou. As luzes foram ligadas às pressas, para que alguém pudesse fazer alguma coisa a fim de parar a menina. Tarde demais: Vanessa já estava quase tão grande que sua cabeça começava a bater no teto e seu corpo, tão gigante que começava a ocupar todo o espaço do recinto (AMORIM, 2024, p. 22).

“O suicida” é totalmente dialogal e “Adúltera” é escrito nos mesmos moldes de um roteiro para cinema ou tevê:

ADÚLTERA

37. INT. APTO. DIA

Josué está sentado na frente de Aurora. O gravador está ligado há algum tempo. Segue a entrevista.

JOSUÉ

Mas então, você dizia...

AURORA

Beijo até na boca!

JOSUÉ

E quantos clientes você faz, em média?

AURORA

Uns cinco. Pode ser até mais! (AMORIM, 2024, p. 37).

“Irmãos” também tem uma característica dialogal, porém, dentro da estrutura de um parágrafo, um verdadeiro bloco monolítico, sendo que a distinção das vozes, entre os dois personagens, se dá graficamente, uma delas, em itálico: “Minha mãe me pariu xingando. *Minha mãe sempre me conta a história de uma mãe que ganhou neném xingando*” (AMORIM, 2025, p. 15).

Além disso, a temática dos contos dá continuidade à de outros livros meus, como *A euforia do corpo* (2022): “Val”, “Murilinho” e “O maior amante do mundo” têm temática explicitamente LGBT:

Seu Murilo era o nome do mandachuva local, mas eu queria mesmo era falar de Murilinho, filho dele. Um menino franzino, delicado, que só nunca sofreu na mão da garotada pela origem que tinha. Nunca tive problemas com ele. Só achava engraçado aquele jeitinho que mais parecia com o das meninas que com o dos meninos (AMORIM, 2024, p. 17).

“Adúltera” e “Rodrigueana” questionam questões, digamos, do que seria o papel do homem e da mulher “comuns”, em nossa sociedade. Este texto e “A voz”, aliás, são escritos em um único parágrafo, seja como monólogo, seja como fluxo de consciência.

Há, também, a questão da violência, presente, explicitamente, nos textos “Irmãos”, “Os prisioneiros”, “O suicida”:

Devia haver algum engano para que o jovem fosse levado até aquele buraco fedorento. Naquela masmorra escura e suja, dava apenas para se ouvir os gritos desconexos das celas apinhadas de prisioneiros, que tinham como único momento de júbilo a chegada de mais um. Mas não ele. Ele não havia feito nada. Ou, ao menos, nada para que merecesse estar ali, amarrado, acompanhado do carcereiro e de dois brutamontes, em nítida desvantagem. Por isso, se debatia. Para mostrar para eles a injustiça que estava sofrendo. Mesmo que, no fundo, soubesse que era inútil (AMORIM, 2024, p. 29).

“Das relações naturais” é o conto que fecha o livro. Ele possui uma intertextualidade direta com o livro de Pedro J. Nunes, citado acima. Trata-se de

uma história com nove capítulos curtos, cujos textos, aqui e ali, vêm entremeados com passagens do livro de Nunes. Albertina é uma jovem do interior do Espírito Santo que vai se instalar na Capital, na casa dos seus tios Eva e Guilherme, um amplo apartamento no Parque Moscoso, Centro. A estada se torna, na realidade, uma forma de a moça conseguir viver seus desejos, sendo um deles o marido de sua tia.

O mote para a criação do conto, foi, portanto, a realização deste desejo. Tio Guilherme é o arquétipo do homem maduro, uma figura viril e paterna, ao mesmo tempo. A ideia, logo, foi a de criar uma trama sobre esta parte da história original. Nasce, assim, “Das relações naturais”, título que retoma o dramaturgo gaúcho Qorpo Santo (1829 – 1883), autor de *As relações naturais*, peça que, *grosso modo*, também o desejo (e a vontade de fruir o gozo) é mote principal.

Deste conto, colho esta passagem, que bem ilustra esse diálogo entre a minha narrativa e a de Nunes (referenciada entre aspas):

Albertina foi se aproximando dele, retirando as peças de vestuário do corpo. Tinha olhos de desejo, mas um desejo diferente, de quem quer dominar, de quem queria ter um homem em suas mãos. Ele não poderia resistir ficar sem o cheiro doce daquele perfume, que inebriava a pele gostosa.

E “enquanto ele descia a língua por sua geografia entregue, [ela] ouvia sua mijada forte na imaginação decantada. Quando subiu contra ela, empurrou-o com suavidade e, chegando bem perto de seu rosto, sussurrou-lhe com os olhos de onça: conheça, tio Guilhermezinho, o melhor que há de mim [...], e ofereceu-lhe o dorso. Tio Guilherme agarrou-lhe os cabelos que escorriam pelas costas. Sentiu o veludo da lâmpada insinuar-se sobre a pele arrepiada, ansiosa por pousar os dentes sobre o fruto”.

Preocupada com a festa dos vizinhos, Eva sequer imaginava a festa que acontecia em seu próprio apartamento (AMORIM, 2024, p. 84-85).

As referências ao teatro, aliás, se fazem encontrar em algumas partes do livro. No conto “Rodrigueana” e no próprio “Das relações naturais”, em que tanto o Tio Guilherme quanto Albertina assistem, em determinado momento, a uma montagem televisiva de *Álbum de família*, peça de Nelson Rodrigues (1912-1980)

que contém, dentre outros assuntos, o do incesto. Ora, não seria a relação tio/sobrinha (ainda que este tio não fosse consanguíneo) uma relação incestuosa? E o título do texto, ao conter o vocábulo “naturais”, não trataria do assunto com certa ironia?

São bastantes assuntos que poderiam caber em muitas páginas, pois a obra, ainda que curta (85 páginas) tenta radiografar muito deste nosso contemporâneo, tão caótico e fragmentado. Prefiro, no entanto, fazer como o escritor angolano Pepetela, deixando a cargo do leitor as suas conclusões. Reservo, aqui, apenas algumas chaves de entendimento e, mais precisamente, meu processo criativo, que durou uns quatro anos, ao todo, levando em consideração textos que compuseram ou não o volume final.

Mariposa noturna em veranico de maio é meu 11º livro, primeiro totalmente dedicado aos contos. Foi lançado quando das minhas três décadas como escritor, em 8 de maio de 2025, em um encontro intimista, no antigo Café Magá, Centro Histórico de Vitória, com amigos de dentro e fora do meio literário; colegas autores e acadêmicos; e uma linda fala da escritora Bernadette Lyra, que, na ocasião, brindou a todos nós com uma verdadeira aula sobre o gênero. Não haveria melhor forma de esta mariposa começar a voar.

Referência:

NUNES, Pedro J. *A última noite*. Vitória: Formar, 2015.

Recebida em: 28 de fevereiro de 2026.
Aprovada em: 26 de março de 2026.